

sto de Produção de Banana no Sudeste Paraense1

Antônio José Elias Amorim de Menezes², Alfredo Kingo Oyama Homma³ e
Rui de Amorim Carvalho⁴

Introdução

O Estado do Pará vem se destacando a partir de 1998 como líder nacional, seguindo-se de São Paulo, Bahia, Amazonas e Minas Gerais, entre os maiores produtores de banana. Em fevereiro de 1998 foi constatada a Sigatoka-negra nos municípios de Tabatinga e Benjamim Constant, Estado do Amazonas. No final do mesmo ano foi verificada no Acre e no ano seguinte em Rondônia e Mato Grosso. No Estado do Pará a doença foi constatada em novembro de 2000, no município de Almeirim, nos bananais situados nas margens da rodovia Monte Dourado (Ventura et al., 2000) e, em 2001, no município de Porto de Moz.

No dia 7 de agosto de 2001, (o Governo do Estado do Pará), através do Decreto 4.758, proibiu o trânsito de plantas e partes de planta de bananeira e de plantas do gênero *Helicônia* provenientes dos municípios de Almeirim e Porto de Moz para outros municípios do Estado, em face da doença Sigatoka-negra. Ressalta-se, em face da gravidade da situação, que providências concretas visando o fornecimento de variedades resistentes e do controle dos municípios afetados, não tem sido devidamente atacadas. A aquisição de 120 mil mudas micropropagadas de variedades de bananeiras resistentes da Embrapa Mandioca e Fruticultura, como está se planejando, pode decepcionar os pequenos produtores, pelo longo tempo necessário para o crescimento e o aproveitamento do período chuvoso (Fiscalização..., 2001; Praga ..., 2001).

A produção de banana no Estado do Pará atualmente está concentrada basicamente nas mesorregiões Sudoeste e Sudeste Paraense. Durante a década de 1980, a primazia da produção foi do município de Prainha e em 1987 do município de Xinguara, esta última acompanhando a frente de expansão pecuária. No início da década de 90, o município de Monte Alegre tornou-se o maior produtor de banana, posição perdida em 1997, com a expansão do mal-do-Panamá e da Sigatoka-amarela e com o crescimento da produção do município de São Félix do Xingu.

No caso específico do Sudeste Paraense, vários produtores têm-se apoiado no cultivo da bananeira. Esta atividade tornou-se o centro da atividade econômica mas, depende da contínua derrubada de floresta densa, necessária para obter uma produtividade adequada sem utilização de fertilizantes químicos, com tamanho de cachos apropriado. Com a disseminação do Mal-do-panamá e da Sigatoka-amarela é possível obter apenas a média de dois cachos por cova. Nesse meio tempo, enquanto as bananeiras estão na fase final do seu ciclo, as pastagens estão formadas e prontas para a entrada do gado, após a morte das bananeiras. As variedades preferidas pelos consumidores, principalmente, as dos grupos prata e da maçã, que são as mais procuradas, não tem resistência as doenças mencionadas, levando dessa forma a constantes incorporação de novas áreas.

Material e Métodos

O plantio de bananeiras nas áreas derrubadas de floresta densa ilustra uma atividade insustentável do ponto de vista ecológico e agrônômico, restringindo-se a apenas duas safras.

O plantio de bananeira em áreas derrubadas de floresta densa, é uma atividade altamente lucrativa, permitindo o reembolso integral das despesas, além de cobrir os dispêndios com a formação de pastos, construção de cercas e início do rebanho. A formação de pastos, apoiada na cultura da bananeira, mostra o lado perverso dessa atividade, com alto custo ambiental, pela impossibilidade da permanência do seu cultivo no mesmo local, devido ao Mal-do-panamá e da Sigatoka-amarela. As variedades resistentes disponíveis não são do conhecimento dos produtores e falta maior divulgação sobre as características das novas variedades. Isso tem levado a constante incorporação de novas áreas de matas ao processo.



























Dessa forma, antes do plantio da bananeira efetua-se o plantio de arroz (em maior proporção) e milho e, durante a fase de exploração do bananal, os pastos são introduzidos. O processo de incorporação de áreas para plantio de bananeiras pelos produtores mais dedicados pode atingir 5 hectares em cada nova derrubada, efetuada de dois em dois anos.















Resultados e Discussão

Os dados da Tabela 1 ilustram a trajetória da atividade refletida em custos, relativos ao preparo da área, mediante derrubada com motosserra, seguindo-se a opção do plantio preferencial de arroz e em menor dimensão a do milho, que, quando plantados em áreas recém-queimadas a produtividade é baixa. Verifica-se que as despesas com o preparo da área são praticamente cobertas com a venda da safra de arroz ou do valor equivalente quando consumido na propriedade. A cultura do milho é utilizada para alimentação dos animais na propriedade. O custo da implantação de pastagens e a construção de cercas representam investimentos que serão cobertos com a venda da produção de banana.

Tabela 1. Custo de formação de 1 hectare de pastagem mediante integração com culturas de arroz ou milho e plantio de bananeiras no município de Eldorado dos Carajás, microrregião de Marabá, maio 2001.





Descrição	Unidade	Quantidade Utilizada	Valor Unitário	Valor Total
Preparo de Solo				
Broca/derruba	D/h	4	8,00	32,00
Motoserrista	D/h	1	40,00	40,00
Derruba	D/h	1	8,00	8,00
Aceirar/queimar	D/h	1	8,00	8,00
Coivara	D/h	4	8,00	32,00















































Insumos				
Gasolina	Litro	5	2,00	10,00
Óleo	Litro	2	1,00	2,00
Sub-total				132,00
Arroz				
Plantio	D/h	2	8,00	16,00
1º Capina	D /h	12	8,00	96,00
Colheita				
Colheita	D/h	15	8,00	120,00
Bateção	D/h	4	8,00	32,00
Insumos				
Sementes	Kg	32	1,00	32,00
Sacaria	Sc	32	0,50	16,00
Sub-Total				312,00
Produção	Sc	32	15,00	480,00
Milho				
Plantio	D/h	2	8,00	16,00
Semente	Kg	30	1,50	45,00
Capina	D/h	12	8,00	96,00
Colheita	D/h	1	8,00	8,00
Debulha	D/h	2	8,00	16,00
Sacaria	Sc	16	0,50	8,00

Subtotal				189,00
Produção	Sc	16	12,00	192,00
Pasto				
Semente	Kg	5	9,00	45,00
Plantio	D/h	1	8,00	8,00
Cercas				
Arame	Rolo	2	90,00	180,00
Estaca	Um	200	1,50	300,00
Esticador	Um	12	3,00	36,0
Furar estaca	Um	200	0,20	40,00
Abertura cova/fixação	D/h	6,7	7,00	46,90
Esticar arame	D/h	4,40	7,00	30,80
Subtotal				686,70

Como as despesas com preparo do solo (broca e derruba, aceiro, queima e coivara), bem como as capinas são comuns dos plantios de arroz e bananeira ou milho e bananeira, foram eliminados na Tabela 2. A colheita da banana é feita em diversas etapas, com produção crescente para então decrescer. Para facilidade de cálculo foi considerado apenas em duas etapas, uma com retirada de 60% da produção e a produção final com 40%. Com a disseminação do Mal-do-panamá e da Sigatoka-amarela, a produtividade da bananeira tem caído drasticamente.

Tabela 2. Custo de produção de 1 hectare de bananeira no município de Eldorado dos Carajás, microrregião de Marabá, maio 2001 (1 hectare).

Descrição	Unidade	Quantidade Utilizada	Valor Unitário	Valor Total
			R\$ 1,00	R\$ 1,00
				
				

Plantio				
Abertura cova	D/h	10	8,00	80,00
Arrancar muda	R\$ 1,00	800	0,03	24,00
Seleção de mudas	D/h	0,4	8,00	3,20
Plantio	D/h	10	8,00	80,00
Subtotal				187,20
Ano 2				
Tratos Culturais				
1º Capina	D/h	4,00	8,00	32,00
Colheita				
1ª Colheita (60%)	D/h	18	8,00	144,00
Subtotal				176,00
Ano 3				
Tratos culturais				
1ª Limpeza foice	D/h	2	8,00	16,00
2ª Limpeza foice	D/h	2	8,00	16,00
Colheita				
2ª Colheita (40%)	D/h	12	8,00	96,00
Subtotal				128,00
Custo Total				491,20
Receita Bruta				4800,00
Lucro Bruto Total				4.308,80

Nota: Foi considerado o plantio de 800 plantas/hectare, cada cova produzindo 2 cachos, com 60% na primeira colheita (960 cachos) e 40% na segunda colheita (640 cachos). O peso do cacho varia entre 10kg e 15kg e o preço médio é de R\$ 0,30/kg e R\$ 3,00/cacho.

Conclusões

A produção de banana no Sudeste Paraense teve uma rápida ascensão na última década, decorrente não do nível tecnológico, mas simplesmente pela ocupação constante de novas áreas. Trata-se de uma atividade apoiada fortemente na depredação de recursos naturais, mediante a derrubada de floresta densa, onde o cultivo da bananeira tem uma permanência temporária, viabilizando a implantação de pastagens

O alastramento do Mal-do-panamá e da Sigatoka-amarela reduziu ainda mais o tempo de permanência, além da queda da produtividade. Ressalta-se que constitui uma atividade altamente lucrativa, mesmo a despeito da presença das doenças mencionadas, uma vez que a implantação da cultura do arroz, remunera os custos da derrubada e, no final, tem-se a pastagem formada. O ciclo de mudança espacial, quer seja pelo aparecimento de pragas e doenças ou pelo esgotamento dos recursos naturais parece ser rotina nas atividades agrícolas na Amazônia.

O desconhecimento pelos produtores da existência de variedades resistentes ao Mal-do-panamá, da Sigatoka-amarela e da Sigatoka-negra, constitui a razão da perversa manutenção do sistema utilizado. A falta de orientação no preparo de mudas, retirando de áreas contaminadas pelo Mal-do-panamá e da Sigatoka-amarela, é o motivo da disseminação das doenças, com sérias implicações ambientais no desmatamento. Isso demonstra o alto custo social decorrente da falta de maiores investimentos públicos para o serviço de extensão rural e pesquisa agrícola no apoio aos produtores. O baixo nível de organização dos plantadores de bananeiras, que tem nessa atividade um meio para a formação de pastagens torna mais difícil seu acesso à assistência técnica e outros serviços e práticas que podem elevar a produtividade e a estabilidade dos plantios.

Referências Bibliográficas

FISCALIZAÇÃO contra praga de bananais. **O Liberal**, Belém, 11 jul. 2001. p.9.

PRAGA de banana é assunto de debate em Marabá. **Opinião**, Marabá, 27 e 28 mar. 2001. p.4.

VENTURA, J.A.; SILVA, J.R.; OHASHI, O.; TRINDADE, D.; MOTA, P.P.C. **Relatório de viagem técnica para diagnóstico da suspeita de ocorrência da sigatoka negra no Estado do Pará (Monte Dourado – PA)**. Belém, 2000. 8p.



1 Eng. Agrôn., M.Sc, Embrapa Amazônia Oriental, Caixa Postal, 48, CEP 66095-100, Belém, Pará. E-mails: menezes@cpatu.embrapa.br

3 Eng. Agrôn., D.Sc., Embrapa Amazônia Oriental, homma@cpatu.embrapa.br

4 Eng. Agrôn., M.Sc., Embrapa Amazônia Oriental, rcarv@cpatu.embrapa.br

